



ATELIÊ DE HISTÓRIA COLETIVA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA INVESTIGAÇÃO DOS PROCESSOS CRIATIVOS DA ESCRITA

Palavras-Chave: ATIVIDADE CRIADORA, ALFABETIZAÇÃO DISCURSIVA, ATELIÊ.

Autores(as):

Bruna Eduarda Oliveira da Silva FE – UNICAMP

Prof.^a Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka FE – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa de Iniciação Científica teve como intuito investigar os processos criativos da escrita das crianças durante o ateliê de história coletiva, buscando compreender a relação entre imaginação, leitura e escrita com crianças em fase de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. Para essa análise, adotamos a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento de Lev Vigotski (2009, 2018) como base de estudo e reflexão, enfocando os conceitos de atividade criadora e imaginação. Buscamos mobilizar esses aspectos no ateliê de história coletiva a fim de relacioná-los com os processos de leitura e escrita, assumindo que, ao se tornar autora, a criança pode ver e acompanhar o registro escrito do que imaginou, do que criou, participando da composição do texto e observando a escrita carregada de sentidos e significados em seu espaço de utilização (VIGOTSKI, 2009, 2018; SMOLKA, 2012).

A pesquisa de campo realizada em uma escola municipal de uma cidade no interior do estado de São Paulo foi organizada a partir do ateliê de trabalho, fundamentado na pedagogia de Célestin Freinet, um estudioso e defensor da educação do século XX que, junto à comunidade escolar que o cercava buscou uma escola que fosse centrada na criança, compreendida como membro da sociedade em que está inserida, de forma que a educação pudesse corresponder às necessidades sociais, individuais, intelectuais, técnicas e morais da vida do povo (FREINET, 2001).

A organização do trabalho pedagógico em ateliês em sala de aula é um dos instrumentos nessa metodologia, e se fundamenta na noção de trabalho como atividade humana. Cada ateliê tem uma proposta de trabalho elaborada pela professora, que leva em consideração as necessidades e interesses das crianças. O trabalho pode ser coletivo ou individual e as crianças podem escolher de qual ateliê participar, o que permite a construção da autonomia consciente. As crianças vão sendo orientadas a elaborar e seguir um plano de trabalho semanal e precisam se organizar e decidir o que é melhor e necessário para elas em um dado momento. Dessa forma participam de forma ativa do seu processo de

aprendizagem. A partir dessa organização, a sala de aula se transforma em um canteiro de obra, as carteiras geralmente são organizadas em grupos permitindo que as crianças experienciem um espaço rico em interação, podendo conversar e ajudar uns aos outros, tornando o ambiente escolar repleto de vida (BUSCARIOLO, LIMA, ANJOS, 2019).

METODOLOGIA:

A pesquisa bibliográfica teve como objetivo compreender os fundamentos e aspectos subjacentes a este estudo, abordando a perspectiva histórico-cultural de Lev Vigotski (2009, 2018), o ateliê de trabalho proposto por Célestin Freinet (2001) e a concepção de alfabetização como um processo discursivo, desenvolvida por Ana Smolka (2012).

A proposta central é desenvolver, em campo e com as crianças, o ateliê de história coletiva. Ao somarmos à proposta pedagógica do ateliê a abordagem histórico-cultural do desenvolvimento, baseada nos estudos de Lev Vigotski (2008, 2018), refletimos sobre a atividade criadora e o papel da imaginação na produção coletiva das crianças. Vigotski enfatiza a influência do ambiente e dos processos culturais no desenvolvimento do indivíduo, considerando-o como um ser histórico. Esses conceitos são valiosos para compreender e enriquecer a experiência de trabalho coletivo no ateliê, oferecendo embasamento para investigação dos processos criativos da escrita. Dessa forma, buscando desenvolver um trabalho com sentido e significado, adotamos a concepção de alfabetização enquanto processo discursivo, valorizando as relações e os momentos de interlocução durante as produções coletivas no ateliê, reconhecendo que a escrita é uma prática social e culturalmente situada. (SMOLKA, 2012)

De maneira coerente com os estudos vigotskianos, assumimos uma abordagem qualitativa (GIL, 2019) no desenvolvimento da pesquisa, buscando estabelecer uma relação entre a abordagem histórico-cultural e o ateliê de trabalho na alfabetização, analisando as produções textuais coletivas, bem como as interações e discursos que emergiram durante as atividades. Para atingir esse propósito, nos inspiramos na abordagem etnográfica (GIL, 2019), o que permitiu e sustentou a observação participativa e a análise das experiências vividas com as crianças durante as atividades realizadas no ateliê. Os registros das situações vivenciadas foram feitos em diário de campo e vídeo-gravações. A turma de 3º ano é composta por 23 crianças e a organização pedagógica da professora em ateliês de trabalho criou uma condição propícia à realização da pesquisa, contribuindo para circunscrever o foco da investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O ateliê de história coletiva foi pensado para grupos de até seis crianças e ocorreu em espaços fora da sala de aula, permitindo explorar outras partes da escola. A atividade era proposta junto às demais que compunham as opções que poderiam ser escolhidas entre as crianças, respeitando o número de vagas e levando em consideração as suas necessidades, desse modo, ao longo dos meses em campo, a organização das crianças nos ateliês possibilitou a composição de cinco grupos.

A proposta de trabalho foi dividida em dois momentos. O primeiro foi o momento literatura, em que realizamos a leitura de um livro, a partir de algumas opções apresentadas às crianças, que votaram em qual queriam ler. No decorrer do semestre, este momento foi se mostrando cada vez mais importante para as crianças. Em meados de março, preferiam que a estudante-pesquisadora realizasse a leitura do livro. Já em maio, demonstravam mais interesse e segurança para que elas mesmas realizassem a leitura, tornando-se um momento de descobertas e trocas entre as crianças, revelando o senso de coletividade que estavam construindo.

As crianças estão em diferentes momentos do processo de alfabetização, o que permitiu um modo de colaboração entre elas. Por exemplo, uma criança ainda hesitante na leitura era ajudada por um colega que lia para ela baixinho em seu ouvido, colaborando direta e discretamente na atividade de leitura. Esta atitude, que se tornou comum entre as crianças, nos leva a ponderar sobre as formas de mediação na Zona de Desenvolvimento Proximal, discutida por Vigotski (2018), quando um colega mais experiente participa conjuntamente na realização de uma atividade, apoiando o colega que futuramente conseguirá ler com autonomia. Desse modo, o ateliê permite a interação entre as crianças potencializando a zona de desenvolvimento e a participação ativa no processo de aprendizagem; permite ainda que a criança ressignifique a atividade, ampliando seus sentidos. Por exemplo, a leitura do livro de literatura foi pensada como um disparador da atividade imaginativa, um convite à elaboração coletiva. No entanto, a partir do que foi construído pelas crianças obteve novo significado, tornou-se momento de exercitar a leitura através de um novo livro, momento de ajudar um colega, de discutir sobre a história, rir e divertir, extrapolando, assim, o que foi proposto inicialmente, evidenciando a riqueza presente quando a criança é um sujeito ativo e participativo, atraindo atenção da professora e dando indícios de seus interesses, neste caso, a própria atividade de leitura, o que mostrava, portanto, a potência dos livros de literatura como uma fonte de desenvolvimento e de conhecimento.

O segundo momento do ateliê foi a produção coletiva, em que o desafio colocado para as crianças era criar juntas uma história, mobilizando a imaginação e trazendo-a para o centro da atividade. Neste momento, e por meio da interação e interlocução, elas se tornavam autoras de um texto, defendendo suas ideias e debatendo sobre como compor uma narrativa, elaborando coletivamente uma história que continha a contribuição de todos. Esta dinâmica exigia uma mediação respeitosa e atenta da pesquisadora, pois cada ateliê era diferente do outro, reunindo crianças, cada qual com sua história de vida, suas experiências e vivências. Alguns grupos exigiram mediação mais direta nas discussões das ideias, pois o debate se tornava mais vigoroso à medida que ninguém queria ceder sua ideia a favor de outra, e neste momento a intervenção partia do pressuposto que a história precisava conter a contribuição de todos os participantes, sendo que as crianças precisavam se organizar para que todos ali se sentissem participantes da produção escrita, fosse por meio de votação, unindo as ideias ou desenvolvendo outras maneiras de organização. Houve também o contrário, grupos em que as crianças estavam mais quietas, tímidas, nestes casos a intervenção previa estimular a participação de cada criança, encorajando o diálogo, perguntando sobre os personagens, em que cenário a história

aconteceria e por quais acontecimentos os personagens iriam passar. Incentivando o imaginar e o criar, esforçando-se para que a criança pudesse se sentir confortável e segura para participar do ateliê. Ou seja, diferentes formas de mediação se apresentavam levando-se em consideração as características singulares das crianças que compunham cada grupo.

Foi possível observar que apesar da proposta ser apresentada da “mesma” forma, cada grupo teve uma dinâmica própria, resultando em um processo distinto de criação. Algumas histórias produzidas são mais longas e outras mais curtas, mas todas carregam algo em comum, os elementos fantásticos: animais que governam países e lutam em guerras; irmãs gêmeas com super poderes; o namoro entre um mágico, metade capivara, e uma sereia; a amizade entre animais e humanos. Demonstrando, a atividade criadora do sujeito que, segundo Vigotski (2009), permite a combinação e a reelaboração, de forma criadora, de elementos da experiência anterior, construindo novas situações, desenvolvendo novas formas de ação.

A imaginação é a base da atividade criadora, manifestando-se em todos os campos da vida cultural. No processo de criação coletiva, as crianças partem de elementos conhecidos por elas, combinando-os em novos arranjos e composições, reelaborando cenários e enredos. A dinâmica coletiva potencializa a imaginação vivenciada no nível individual, convocando as crianças ao diálogo e abrindo espaço para a geração conjunta de ideias que vão sendo partilhadas, disputadas, acordadas, no trabalho de escritura. Realidade e ficção se entrecruzam, como na produção de um dos grupos “A famosa história da sereia que viveu uma vida longa”, na qual um mágico, metade capivara, namora com uma sereia e, através de um beijo, consegue substituir sua cauda por pernas. Eles têm quatro filhos e o mágico conta seu segredo para a sereia. Dos quatro filhos, dois podem se tornar capivara e os outros dois, sereia. Situações comuns em seu cotidiano, neste caso o namoro, são permeados por outros elementos, o mágico e a sereia, presentes nos contos e no imaginário social. A atividade criadora se revela, na medida em que elementos familiares são combinados e reelaborados e passam a existir em uma realidade nova e fantástica, onde humanos podem se transformar em animais. A imaginação coletiva se realiza e ganha concretude na produção escrita e conjunta das crianças.

No contexto do ateliê de história coletiva, a atividade criadora se entrelaça com o processo de alfabetização, desde a leitura do livro inicial até a produção escrita subsequente. Essa abordagem se ancora na perspectiva discursiva de alfabetização, aproveitando a rica interação e interlocução proporcionada pelo ateliê. Isso coloca a criança no centro da proposta, permitindo que o uso da escrita seja carregado de sentido e abre espaço para a elaboração e construção do conhecimento individual e coletivo. Durante a construção da história, é preciso ter um escriba que registre por escrito as ideias que vão compondo a história. Observamos um grande interesse das crianças em assumir esse papel, o que pode gerar algumas implicações no processo de elaboração da história, visto que elas se encontram em diferentes momentos da alfabetização. Algumas podem solicitar mais ajuda do que outras, e nesses momentos, vemos colegas que se acolhem mutuamente, proporcionando apoio, enquanto outros expressam sua frustração por acreditarem que o colega que “não sabe escrever” pode atrapalhar a

atividade. Isso evidencia a necessidade de construir espaços em que as crianças percebam a escrita enquanto meio de comunicar, de se expressar, de criar, redimensionando a atividade de escrever. Desse modo, o ateliê de história coletiva, torna-se um espaço construído para encorajar as crianças, que possam perguntar, aprender, errar e juntas exercitarem o diálogo, a escuta do outro, a colaboração, a imaginação compartilhada, na produção de histórias que poderão ser lidas por muitas outras pessoas, colegas, familiares.

CONCLUSÃO

Desse modo, concluímos que o ateliê de história coletiva, fundamentado na perspectiva histórico-cultural de Vigotski (2009, 2018), na metodologia de Célestin Freinet (2001) e na concepção de alfabetização de Smolka (2012), revelou-se uma proposta pedagógica enriquecedora para o processo de alfabetização das crianças. Essa abordagem possibilita um contato intenso e fecundo com a leitura e a escrita, que emerge durante toda a proposta. Ao estabelecer essa dinâmica, o ateliê promove uma relação prazerosa com a escrita e a leitura, percebendo-as como elementos fundamentais para a vida. Ao convidar as crianças a serem autoras e leitoras, incentiva-as a criar coletivamente suas próprias histórias, em um ambiente que estimula a exploração de sua imaginação, leitura e escrita, tornando-se protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

- BUSCARIOLO, Ana Flávia Valente Teixeira; LIMA, Cinthia Vieira Brum; ANJOS, Daniela Dias dos. **Pedagogia Freinet e alfabetização: a potencialidade dos instrumentos desta pedagogia para formar crianças e professores.** Revista Internacional de Formação de Professores, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 117-133, set. 2019. ISSN 2447-8288. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/1496>
- FREINET, C. **Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular.** 2. ed.-. [s. l.]:Martins Fontes, 2001.
- SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** 13. ed.-. [s. l.]: Cortez, 2012.
- VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia.** Organização [e tradução]: Zoia Prestes e Elizabeth Tunes; tradução: Cláudia da Costa Guimarães Santana. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.
- VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico.** **Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka.** Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.